

Uma gota de café descuidada

Nem lembro bem, mas foi numa dessas feiras do livro de Porto Alegre. Caminhava distraído em meio às bancas, envolto nas novidades da praça, quando repentinamente me deparei com Mario Quintana. Sentado naqueles bancos da praça, ar distante, pernas cruzadas, eis o Quintana que os porto-alegrenses conheceram. Tive vontade de me aproximar, afinal era como um parente, talvez meu avô – senti familiaridade naquela imagem, algo de casa. Talvez um pudor qualquer me tenha impedido de fazê-lo. Fiquei em distância regulamentar – mesmo assim pude observar a mancha de café na camisa do poeta.

Esse era o Quintana que os porto-alegrenses conheceram.

Na festa da feira, quando senhoras resolvem escrever seus primeiros e últimos livros (com o penteado da moda, as unhas do momento e tarde inteira no instituto) , quando homens se barbeiam para contar suas vidas no livro financiado por amigos ou sei lá (ou pior, quando o jornalista do momento se aproveita da situação e lança cartilha qualquer contando aventura de assalto) Quintana parecia fazer poesia no ar, ou Quintana era a própria poesia.

Esse foi o principal ensinamento que tive com o Poeta. Nada dessa pretensão, dessa vaidade do mundo que guardamos, alguns mais; outros menos. A vida, para Quintana, naquele dia, era estar sentado, camisa manchada de café, idéias ao léu, por qualquer espaço entre Ariel e Coromandel.

Nada mais parecido com Quintana que sua poesia. A gente não sabe onde termina um e começa o outro. Aliás, este foi o principal ensinamento da poesia dele: escrever sobre o simples, sobre o cotidiano. Em uma literatura recheada de escritores eruditos, de métricas precisas, de pompas e grandiloquências, o senhor Mario Quintana (assim mesmo, sem o acento que o computador insiste em exigir) fez poesia da janela, do passarinho pousado na folha de papel, da senhora que passa na rua ou (coisa comum de poetas) da Lua e das estrelas. Tudo é objeto de poesia.

Não se precisa de um fato relevante, quem sabe um navio negreiro (que belo assunto falar sobre abolição). Enxergar poesia na mosca, na mulher lavando roupa, eis aqui uma das grandes virtudes do nosso Mario. Em entrevista a Araken Távora, Quintana foi bem claro em relação à poesia engajada, ou seja, a arte a serviço das causas políticas e sociais. Lembrou Castro Alves e classificou o autor de Navio Negreiro de gênio. E os gênios, para Mario, podem fazer poesia engajada. Ele, Quintana, não era gênio, tinha apenas talento. Quem quer fazer poesia engajada social e politicamente deve ser deputado ou vereador, acrescentou o poeta.

“Eu nada entendo da questão social.
Eu faço parte dela, simplesmente...”

Mario Quintana era, sem dúvida, o defensor, o representante da simplicidade.

“Do
Escuro do meu quarto
- imóvel como um felino, espio
a lagartixa imóvel sobre o muro: mal sabe ela
da sua presença ornamental, daquele
verde
intenso
na lividez mortal
da pedra...”

E quanto a nós, professores de Português e de Literatura, ficamos entrevados com poetas importantes, no entanto pouco recomendáveis para nossos alunos. E mandamos que leiam bilaques. Queremos despertar neles o prazer da leitura. O prazer da poesia. Qual nada, o que fazemos é tornar a poesia ainda mais chata para eles.

Pois o Mario nos traz essa possibilidade. A poesia simples, acessível – e, por favor, não se pense que banal. Quintana trata de assuntos que tocam fundo na alma. A morte, por exemplo, é tema recorrente; a infância igualmente surge, lembrando o estilo Casimiro de Abreu. Ou seja, nosso Poeta revela a beleza simples da poesia, poesia para todos, poesia de tudo. Ele salva esse gênero literário das chatices dos pedantes.

E talvez não exista nada mais chato do que um poeta regular, com hora marcada. Vejamos o que ele fala sobre Olavo Bilac: “... imagina que barbaridade! Escrevia das dez da manhã ao meio-dia. E, ainda por cima, tomando leite!...”

Quintana tem toda a razão, porque poesia não tem hora – mas leite, senhores, tem lá o seu momento – arras!

Mapa

“Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...”

(É nem que fosse o meu corpo!)

Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...”

Enaltecer a cidade que o abrigou revela-se como outra característica da obra de nosso autor. Quer dizer, Porto Alegre torna-se um corpo. Curiosamente, quando caminho à toa pelas ruas da capital, lembro-me sempre de Quintana. É como se ele fosse responsável pelo amor que dedicamos aos paralelepípedos dessa cidade.

Na crônica, especialmente paulista e carioca, tivemos autores que fizeram esse papel: o de enaltecer a cidade, o de examiná-la por dentro, distante dos acontecimentos importantes e do mundo da política que invade os jornais diários. Quintana fez a crônica de Porto Alegre em versos informais e travessos.

E por falar em travessuras, ele era uma criança brincando com palavras, brincando com a verdade do mundo. No entanto, afirmava que não queria descobrir a essência da vida, porque nem mesmo os grandes pensadores gregos o conseguiram, como ele poderia fazê-lo.

Estranhei, em princípio, a candidatura para a Academia Brasileira de Letras. Não conseguia imaginá-lo substituindo a camisa manchada de café pelo fardão dos acadêmicos. Mario, um poeta de fardão?

Depois, fiquei curioso. Imaginem Quintana no chá das cinco, fazendo travessuras com os colegas, colocando sal nas xícaras alheias! Quintana rindo-se pelos cantos, puxando o fardão do homenageado do dia! Enquanto o ex-presidente Sarney ilustra o mundo com o seu Marimbondos de Fogo, Quintana bota fogo nas cortinas da Academia.

...

“A poesia é a eterna Tomada da Bastilha
o eterno quebra-quebra
o enforcar de judas, executivos e catedráticos em todas as esquinas
e,
a um ruflar poderoso de asas,
entre cortinas incendiadas,
os Anjos do Senhor estuprando as mais belas filhas dos mortais...
Deles, nascem os poetas.
Não todos...Os legítimos
espúrios...”

De modo que temos nesta antologia poética gosto para todos os gostos. Os apaixonados pelo Poeta, os iniciantes em poesia, enfim, todos

encontrarão aqui motivos de reflexão e de busca pela beleza pura das coisas, num mundo tecnológico, de luzes piscantes, com legiões de internautas.

Todos nós precisamos de mancha de café na camisa para nos sentirmos mais humanos.

Professor Ricardo Russo